DOI - 10.23925/rct.i113.78652

CC BY NC ND

Editorial

Teologia, verdade e responsabilidade humana: a fé cristã diante dos desafios do nosso tempo

A reflexão teológica nasce da escuta atenta da Palavra, desenvolve-se no diálogo com a Tradição e permanece aberta às interpelações da história. Sua tarefa não consiste apenas em sistematizar os conteúdos da fé ou preservar formulações herdadas, mas também em interrogar, com rigor intelectual e sensibilidade histórica, os modos pelos quais a experiência de Deus ilumina a existência humana em cada época. Diante do atual contexto social, marcado pela fragmentação do conhecimento, pela crise da verdade, pelas tensões entre religião e democracia e pelas disputas em torno da dignidade humana, a Teologia é convocada a renovar sua capacidade de interpretação, discernimento e diálogo. É nesse horizonte que se situa o presente número da ***Revista de Cultura Teológica***, que reúne pesquisas dedicadas às Escrituras, à relação entre fé e razão, à tradição cristã, à ética, à educação e às questões contemporâneas que desafiam a reflexão eclesial.

Nesta edição percebe-se uma diversidade de abordagens que caracteriza a investigação teológica e sua

Revista de Cultura Teológica

Ano XXXIV - V. 35 - Nº 113
Mai - Ago 2026

PUC-SP

Programa de Estudos Pós Graduados em Teologia - PUC/SP

interlocução com outros campos do saber. Ao aproximar estudos bíblicos, hermenêutico, filosóficos, antropológicos e sociais, este número evidencia que a vitalidade da Teologia depende tanto da consistência de seus fundamentos quanto de sua disposição para dialogar com as questões emergentes da cultura. Essa diversidade não deve ser compreendida como dispersão temática, mas como expressão da complexidade do próprio objeto teológico: a fé, enquanto experiência histórica e comunitária, envolve a linguagem, a memória, a razão, a liberdade, a esperança e as diferentes formas de compreender e promover a vida humana.

Nesse sentido, a pesquisa teológica se apresenta como exercício de responsabilidade intelectual: ela acolhe a tradição, examina seus fundamentos, confronta suas interpretações e investiga as possibilidades de sua contribuição para a vida comum.

A palavra, a verdade e a responsabilidade do discurso

O artigo ***A parrēsía no Antigo Testamento: liberdade de expressão e revelação divina***, de Mariosan de Sousa Marques, oferece uma contribuição significativa para a reflexão sobre a palavra como lugar de encontro entre liberdade, verdade e responsabilidade. Ao investigar as raízes linguísticas e os desdobramentos teológicos da *parrēsía*, o estudo examina a coragem de falar com franqueza diante de Deus e dos seres humanos, articulando a herança cultural grega à interpretação bíblica. A palavra não aparece, nessa perspectiva, como instrumento neutro de comunicação, mas como dimensão constitutiva da relação humana com a verdade e com a revelação divina.

A reflexão bíblico-teológica sobre a coragem de dizer a verdade também interpela as comunidades religiosas. A palavra profética perde sua força quando se converte em instrumento de legitimação de interesses particulares, quando silencia diante da injustiça ou quando substitui o discernimento pela reprodução de discursos de poder. Recuperar a dimensão ética da palavra significa reconhecer que o testemunho da fé exige coerência entre aquilo que se anuncia e as práticas que se promovem. A Teologia contribui, assim, para uma cultura do discurso na

qual a liberdade não se separa da responsabilidade e a verdade não se transforma em pretexto para a violência.

O tema encontra um desdobramento filosófico no artigo ***A guinada pós-secular de Habermas e a reciprocidade terapêutica entre fé e razão***, de Antonio Luiz Catelan Ferreira e Marcelo da Silva Lessa. Ao examinar o pensamento de Jürgen Habermas em diálogo com Joseph Ratzinger, os autores investigam os limites das interpretações sobre a secularização e as possibilidades de aprendizagem recíproca entre cidadãos religiosos e seculares. O estudo questiona a expectativa de que a modernização conduziria necessariamente ao desaparecimento da religião e destaca a permanência das tradições religiosas no espaço público das sociedades democráticas.

A reciprocidade, nesse contexto, não significa apagar as diferenças entre fé e razão, nem pressupõe que ambas possuam os mesmos fundamentos epistemológicos. Significa reconhecer que nenhuma sociedade pluralista se sustenta adequadamente quando seus participantes são excluídos de antemão do diálogo por causa de suas convicções. A razão secular também deve reconhecer seus limites e submeter a exame crítico as formas de racionalidade que reduzem a vida humana à eficiência técnica, ao cálculo utilitário ou à lógica instrumental. A Teologia, por sua vez, não deve recear o questionamento racional, pois a interlocução crítica pode contribuir para o esclarecimento de suas próprias linguagens, pressupostos e responsabilidades. Portanto, a aproximação entre esses dois estudos permite reconhecer uma afinidade fundamental: a busca da verdade requer liberdade, mas também abertura à correção. Seja na tradição bíblica, seja no debate filosófico sobre a sociedade pós-secular, o discurso torna-se eticamente fecundo quando não se fecha sobre si mesmo. Para a reflexão teológica, isso significa assumir o diálogo não como concessão circunstancial, mas como dimensão constitutiva de sua presença responsável na universidade e na sociedade.

As Escrituras, a memória e a formação da experiência religiosa

A investigação da tradição bíblica constitui outro eixo importante deste número. O estudo ***Angeologia judaico-cristã: um olhar sobre Miguel e Gabriel***, de

Gilvan Leite de Araújo, examina o desenvolvimento da angelologia no judaísmo e no cristianismo, com atenção especial às figuras de Miguel e Gabriel e às suas ocorrências nos textos bíblicos, apócrifos e neotestamentários. Ao situar essas figuras no horizonte da literatura de Daniel e de suas recorrências posteriores, a pesquisa contribui para a compreensão da formação histórica das representações do mundo celeste e de sua importância nas tradições religiosas. O autor recorda que a leitura teológica das Escrituras requer atenção aos contextos históricos, às formas literárias e aos processos de desenvolvimento das tradições. A pesquisa histórico-teológica, ao investigar continuidades, transformações e particularidades, oferece instrumentos para uma leitura mais consistente da tradição e para a compreensão da pluralidade de linguagens por meio das quais Israel e as comunidades cristãs expressaram sua fé.

No texto, ***Análise narrativa da cura do surdo epilético: fé e incredulidade no contexto da formação dos discípulos (Marcos 9,14-29)***, de Vicente Artuso, concentram-se na dinâmica narrativa do Evangelho de Marcos. A análise situa a cura no percurso de formação dos discípulos e destaca a tensão entre a insuficiência da fé e o pedido do pai do menino: "Creio, ajuda minha incredulidade". A narrativa oferece, assim, uma chave para compreender a fé não como posse imune à dúvida, mas como experiência que pode reconhecer sua própria insuficiência e buscar auxílio. Essa perspectiva possui importância para a reflexão teológica e pastoral. Pois, a experiência cristã não se desenvolve necessariamente pela eliminação imediata das perguntas ou das fragilidades humanas. Em muitos momentos, a fé amadurece precisamente quando reconhece seus limites e se abre à possibilidade de transformação. A figura do pai, que confessa simultaneamente sua crença e sua incredulidade, impede que a experiência religiosa seja interpretada apenas segundo uma oposição rígida entre fé plena e ausência absoluta de fé. A narrativa convida a considerar a condição concreta dos sujeitos e a necessidade de acompanhamento no caminho do discipulado.

Essa compreensão também interpela as comunidades eclesiais contemporâneas. Diante de situações de sofrimento, doença e vulnerabilidade, a linguagem religiosa deve evitar explicações simplificadoras que transformem a fé em me-

canismo de controle sobre os acontecimentos ou em medida para julgar aqueles que sofrem. A leitura narrativa, respeitando o horizonte próprio do texto, permite reconhecer que o seguimento de Jesus envolve aprendizagem, crise e abertura à graça. A fé não dispensa a fragilidade humana; ela pode encontrar nela um lugar de busca, confiança e transformação.

A questão da experiência religiosa e de sua continuidade histórica encontra outro desenvolvimento no artigo ***"Não te esqueças": a função da memória e suas implicações no Salmo 103,*** de Raynara Karenina Veríssimo Correia. Em diálogo com contribuições da neurociência e com as reflexões de Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs, o estudo investiga a memória em suas dimensões biológica, afetiva, espiritual e coletiva. O Salmo 103 é apresentado como expressão de uma prática de recordação que ultrapassa o armazenamento de informações e participa da constituição da identidade pessoal e comunitária.

A memória, nessa perspectiva, não é simples retorno ao passado. Recordar implica reconstruir sentidos, reconhecer vínculos e manter vivas experiências que orientam a compreensão do presente. A memória coletiva participa da formação das identidades, mas também pode funcionar como resistência ao esquecimento de acontecimentos, sofrimentos e responsabilidades. No âmbito religioso, a recordação das ações de Deus integra a vida litúrgica e a transmissão da fé, vinculando a experiência individual à história de uma comunidade.

Dignidade humana, inclusão e discernimento eclesial

As questões contemporâneas da dignidade humana e da inclusão eclesial são abordadas no artigo Quem sou eu para julgar? O Papa Francisco e a mudança de olhar em relação à dignidade humana para a inclusão de pessoas trans na Igreja de Roma, de Claudio Noel de Toni Junior. O trabalho examina interpretações bíblicas e tradições eclesiásticas relacionadas às questões de gênero, com atenção à postura pastoral associada ao pontificado de Francisco e às possibilidades de acolhimento de pessoas trans na Igreja.

O tema coloca em evidência uma questão central para a reflexão teológica contemporânea: como articular a continuidade da tradição, o discernimento doutrinal e o reconhecimento da dignidade de pessoas concretas? Essa pergunta não pode ser respondida mediante a simples oposição entre fidelidade religiosa e compromisso com os direitos humanos, como se fossem necessariamente realidades incompatíveis. Tampouco pode ser resolvida pela supressão das dificuldades interpretativas e das divergências existentes no interior da própria comunidade eclesial. Ela requer rigor conceitual, atenção às fontes, escuta das experiências humanas e clareza quanto aos fundamentos teológicos mobilizados no debate.

A reflexão sobre a inclusão interpela diretamente as práticas pastorais e as formas de convivência comunitária. O acolhimento não deve permanecer restrito a declarações abstratas: precisa manifestar-se em atitudes, linguagens e estruturas que impeçam a humilhação, a discriminação e o tratamento desumanizador. A dignidade da pessoa humana exige que ninguém seja reduzido a uma categoria, a uma condição ou a um aspecto de sua existência. Ao mesmo tempo, a investigação acadêmica deve distinguir cuidadosamente as declarações magisteriais, as interpretações dos pesquisadores e as propostas normativas formuladas no debate teológico.

Esperança, educação e transformação social

A relação entre fé e responsabilidade histórica ganha novo desdobramento no artigo ***Esperança e educação como projeto de transformação social no pensamento do Papa Francisco***, de Sônia Maria de Souza Bonelli e Agemir Bavaresco. Os autores investigam a articulação entre esperança e educação no magistério do Papa Francisco, considerando documentos como *Evangelii Gaudium*, *Fratelli Tutti*, o Pacto Educativo Global e *Spes non confundit*, em diálogo com a pedagogia humanizadora de Paulo Freire.

A esperança cristã, nessa perspectiva, não se limita a uma disposição interior nem se restringe à expectativa de uma realização futura desvinculada da história. Ela pode tornar-se princípio de ação, mobilizando pessoas e comunidades

para a transformação das condições que produzem exclusão, desigualdade e desumanização. A educação, por sua vez, não se reduz à transmissão de conteúdo ou à preparação técnica para o mercado de trabalho. Ela participa da formação de sujeitos capazes de pensar criticamente, reconhecer a dignidade alheia e assumir responsabilidades na construção do bem comum. A aproximação com o pensamento de Paulo Freire contribui para compreender a educação como prática de humanização e participação histórica. Educar implica reconhecer os sujeitos como participantes de um processo de aprendizagem que envolve leitura crítica da realidade, diálogo e possibilidade de transformação. A contribuição da tradição cristã, quando articulada a essa perspectiva, consiste em sustentar uma visão da pessoa humana que não se esgota em sua utilidade social ou econômica, mas reconhece sua dignidade e sua capacidade de relação.

A educação da fé e a formação dos agentes pastorais constituem outra dimensão desse compromisso formativo. Nessa direção, o artigo ***Vocação, identidade e formação do catequista: uma leitura à luz da Paideia Christi***, de Clélia Peretti e Kedma Aparecida Alves Soares, examina a vocação e a identidade do catequista à luz da tradição patrística e do Diretório para a Catequese (2020). Partindo da constatação de fragilidades nos processos formativos em diferentes realidades diocesanas brasileiras, as autoras destacam a necessidade de integrar de modo orgânico as dimensões humana, espiritual, teológica e pastoral. A noção de Paideia Christi permite compreender a formação catequética não como preparação pontual para uma tarefa, mas como processo contínuo de configuração do discípulo a Cristo, sustentado pela vida comunitária.

Graça, virtude e antropologia teológica

A dimensão ética da existência humana recebe um tratamento específico no artigo ***Virtude e graça: refletindo sobre a ética agraciada de Tomás de Aquino***, de Alexandre Andrade Martins. O estudo investiga a relação entre virtudes adquiridas e graça no pensamento tomista, examinando as dificuldades de compreender a articulação entre a ação humana, a natureza e a iniciativa divina. Em vez de reduzir a ética teológica a uma análise do comportamento, a reflexão propõe compreender as virtudes no horizonte de uma antropologia na qual a relação com

Deus constitui elemento fundamental. O artigo apresenta uma questão decisiva para evitar interpretações que separem radicalmente a ação humana da graça ou que, em sentido inverso, tratem a graça como substituição da liberdade e da responsabilidade. A tradição cristã precisa sustentar simultaneamente a iniciativa gratuita de Deus e a realidade da participação humana na construção da vida virtuosa. A relação entre natureza e graça, portanto, não pode ser abordada como simples concorrência entre duas forças, mas exige uma compreensão teológica da pessoa, de sua capacidade de agir e de sua abertura à plenitude.

Esse debate possui implicações para a vida cristã contemporânea. Em contextos nos quais a experiência religiosa pode ser reduzida ao cumprimento de obrigações ou à exibição de comportamentos considerados corretos, a articulação entre graça e virtude permite recuperar a profundidade da transformação ética. A vida cristã não se identifica simplesmente com a soma de atos isolados, mas envolve a formação de uma existência orientada para o bem, na qual liberdade, responsabilidade e abertura à ação divina não são dimensões excludentes.

A relação entre amor a Deus e serviço ao próximo ganha expressão concreta no artigo ***A personificação do amor e da caridade em Santa Teresa de Calcutá: uma análise a partir da encíclica Deus caritas est***, de Vinicius Henrique dos Santos e Ceci Maria Costa Baptista Mariani. Em diálogo com a encíclica de Bento XVI e com escritos de Teresa de Calcutá, o estudo investiga a motivação espiritual de uma vida dedicada aos mais pobres, aos doentes, aos moribundos e às pessoas socialmente abandonadas. A experiência de Teresa permite, desse modo, aproximar a reflexão teológica sobre o amor da prática cotidiana do serviço, ressaltando que a caridade eclesial adquire credibilidade quando se traduz em presença, cuidado e compromisso com aqueles cuja dignidade é mais frequentemente ignorada.

O ministério ordenado e a comunhão eclesial

O número se completa, nesse percurso, com o artigo ***A participação do presbítero no ministério sacerdotal de Cristo: fundamentos bíblico-cristológicos à luz de Hb 7,1-28,*** de Tiago de Fraga Gomes e Éderson Tiago Oliveira da Silva.

A pesquisa examina a apresentação de Jesus como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque na Carta aos Hebreus e investiga suas implicações para a compreensão da identidade e da missão do presbítero na tradição católica.

Ao destacar a singularidade e a eficácia salvífica do sacerdócio de Cristo, o estudo situa o ministério ordenado em uma relação de participação, e não de autonomia, diante do único sacerdócio de Cristo. A identidade presbiteral é compreendida a partir de seu fundamento cristológico e de sua inserção na vida da Igreja, articulando as dimensões sacramental, pastoral e comunitária do ministério. Essa perspectiva é importante para uma compreensão do ministério ordenado que não o reduza à função administrativa, à posição institucional ou ao exercício isolado de autoridade. A identidade do presbítero remete a um serviço recebido e exercido no interior da comunhão eclesial.

A reflexão cristológica também recorda que a compreensão de qualquer ministério eclesial depende de sua referência a Jesus Cristo. A autoridade cristã não encontra sua medida última na autossuficiência de quem a exerce, mas na configuração ao Cristo que reúne, serve e conduz. Por isso, a reflexão sobre o sacerdócio deve permanecer articulada à vida comunitária e à finalidade salvífica da missão eclesial. Em um contexto no qual as instituições religiosas enfrentam desafios relacionados à confiança, à participação e à legitimidade de suas práticas, a reflexão teológica sobre o ministério ordenado pode contribuir para aprofundar a consciência de sua natureza e de suas responsabilidades.

Ao reunir os estudos apresentados neste número, a ***Revista de Cultura Teológica*** reafirma a importância de uma investigação que articule a fidelidade à Tradição cristã com a abertura crítica aos desafios históricos. Não se trata de dissolver a identidade teológica em um discurso genérico sobre valores, mas de reconhecer que a compreensão da fé exige atenção às condições concretas da vida humana. A reflexão teológica torna-se particularmente significativa quando consegue demonstrar, por meio de argumentos consistentes, como suas categorias iluminam questões relativas à verdade, à liberdade, à justiça, à educação, à dignidade e à comunhão.

Que a leitura dos artigos deste número favoreça esse exercício de reflexão. Que as pesquisas aqui reunidas estimulem novas investigações, ampliem o diálogo entre os saberes e contribuam para uma presença pública da Teologia caracterizada pelo rigor, pela liberdade intelectual e pela responsabilidade ética. E que a busca acadêmica da verdade permaneça vinculada à pergunta fundamental sobre as condições de uma existência verdadeiramente humana, aberta à transcendência, ao encontro e à construção do bem comum.

Boa leitura!

Prof. Dr. Glaucio A. F. de Souza - Editor